

# AS POTENCIALIDADES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS NA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO RANGEL PESTANA

Karine Rezende Barata<sup>01</sup>  
Leandro Machado dos Santos<sup>02</sup>

**RESUMO:** Os anos de 2015 e 2016, foram marcados pelo movimento de ocupações estudantis pelo Brasil, tanto secundaristas quanto universitárias, que linhas gerais lutavam em defesa da educação pública e contra todos os retrocessos e retiradas de direitos que assolam a população brasileira nos últimos anos. Dessa forma, observou-se que a dinâmica e a construção desse movimento, pudesse de alguma maneira apresentar potencialidades pedagógicas e contribuir com a formação política de seus participantes, tendo a apresentação e reflexão desses elementos como objetivos centrais da pesquisa. Através de questionários semiestruturados, os estudantes do Instituto de Educação Rangel Pestana, apresentaram suas percepções de como perceberam-se sujeitos de seu processo de formação política e na construção coletiva dos espaços escolares durante e após o movimento de ocupação.

**Palavras-chave:** ocupação estudantil; formação política; movimentos sociais.

**ABSTRACT:** The years of 2015 and 2016 were marked by the movement of student occupations by Brazil, both secondary school students and university students, who were struggling in defense of public education and against all the setbacks and withdrawals of rights that have plagued the Brazilian population in recent years. In this way, it was observed that the dynamics and the construction of this movement could somehow present pedagogical potentialities and contribute to the political formation of its participants, presenting and reflecting these elements as central objectives of the research. Through semi-structured questionnaires, students from the Rangel Pestana Institute of Education presented their perceptions of how

they perceived themselves as subjects of their political formation process and in the collective construction of school spaces during and after the occupation movement.

Keywords: student occupation; political training; social movements.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de uma reflexão iniciada durante a elaboração do trabalho monográfico intitulado “O processo de formação política e as potencialidades pedagógicas na ocupação estudantil do Instituto de Educação Rangel Pestana”. A pesquisa tem como objeto de reflexão a ocupação organizada pelos estudantes do Instituto de Educação Rangel Pestana no segundo semestre de 2016. Nossa intenção foi mostrar que na ocupação existia uma potencialidade político-pedagógica para a formação dos estudantes organizados em regime de auto-gestão.

Assim, neste artigo nós traremos parte dessa reflexão, pensando a potencialidade político pedagógica da ocupação a partir da narrativa dos próprios estudantes. Os dados foram colhidos ao longo do ano de 2018, com a utilização de um questionário semiestruturado, nele nós combinamos uma série de questões abertas e fechada, no sentido de apreender parte daquilo que eles tinham a dizer sobre a ocupação.

## 2. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO RANGEL PESTANA

O Instituto de Educação Rangel Pestana (IERP), fica situado na Baixada Fluminense, no Centro do município de Nova Iguaçu. O Instituto foi fundado em 1972, a partir da fusão do Grupo Escolar Rangel Pestana (construído em 1944)

com o Instituto de Educação de Nova Iguaçu (construído em 1964), segundo dados encontrados no site do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Essa fusão, deu-se efetivamente por conta da demolição de um muro que ficava entre as duas escolas e a partir deste marco tornaram-se uma só. O nome “Rangel Pestana” foi mantido em homenagem a Francisco Rangel Pestana: iguaçuano, nascido no século XIX e que teve como profissões exercidas as de: professor, advogado, jornalista e político (deputado provincial, deputado federal e senador).

O Instituto ofereceu, por muitos anos, turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e Ensino Médio (Curso Normal e Formação Geral). Porém entre os anos de 2011 e 2014, foram realizadas alterações em seus níveis e segmentos da educação básica ofertados, o que gerou grandes mobilizações por parte de funcionários e responsáveis pelos estudantes, que apesar de todas reuniões, reivindicações e atos, não configurou-se enquanto um movimento vitorioso. Atualmente o Instituto oferece turmas do Ensino Médio, nas seguintes modalidades: Formação geral, Nova EJA e o ainda resistente, Curso Normal (Formação de Professores).

Para compreender o cenário, os desdobramentos e as reivindicações da ocupação estudantil no IERP, é necessário colocar em evidência o movimento SOS IERP que ocorreu em 2012, pois configura-se enquanto um dos acontecimentos que desenharam a conjuntura interna do Instituto nos últimos 6 anos. Em 2012, a atual direção da época, foi exonerada e para assumir o cargo, a Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) enviou pessoas de “sua confiança” sem nenhuma consulta à comunidade escolar. Durante esse processo, alunos e professores iniciaram o movimento “SOS IERP”, denunciando e lutando contra as arbitrariedades da Secretaria.

**PARA COMPREENDER O CENÁRIO, OS DESDOBRAMENTOS E AS REIVINDICAÇÕES DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO IERP, É NECESSÁRIO COLOCAR EM EVIDÊNCIA O MOVIMENTO SOS IERP QUE OCORREU EM 2012, POIS CONFIGURA-SE ENQUANTO UM DOS ACONTECIMENTOS QUE DESENHARAM A CONJUNTURA INTERNA DO INSTITUTO NOS ÚLTIMOS 6 ANOS.**

<sup>01</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Cultura e Política, vinculado ao CNPq. E-mail: rezendekari@gmail.com

<sup>02</sup> Professor do DES/UFRRJ e orientador no Grupo de Pesquisa Currículo, Cultura e Política, vinculado ao CNPq. E-mail: marxcs@gmail.com

Houve uma tentativa de organização para uma eleição de diretores, a mesma foi barrada e inutilizada pela SEEDUC. O movimento não conseguiu resultados efetivos e a nova direção continuou no cargo, de forma autoritária e sem o mínimo de diálogo com toda comunidade escolar. Professores que eram contrários a essa nova direção, que participavam dos movimentos de construção de greves e paralisações, foram remanejados para outras escolas, sendo até mesmo impedidos de entra-

rem no IERP posteriormente, tendo como exemplo um professor (participante do movimento contrário à direção e que havia sido remanejado para outra escola) que havia sido convidado para uma confraternização realizada por outros professores que ainda trabalhavam no Instituto e ao chegar, foi abordado por policiais militares (que na época circulavam pelas dependências do Instituto) e convidado a se retirar do local, acompanhando-o até o portão.

### 3. A CONFIGURAÇÃO POLÍTICA NACIONAL

O ano de 2016 começa com uma configuração marcada por incertezas, o mandato da presidenta Dilma Rousseff, iniciado em janeiro de 2015, é interrompido de modo trágico, com sua cassação, em agosto de 2016. Assim, o cenário de instabilidade política parece atingir o seu ápice.

Nota-se a existência de uma crise de representatividade nas esferas governamentais, nas democracias ocidentais e um momento em que a primeira vista, a população esteja enxergando a política como algo distante, vazio e com descrédito, sem muitas perspectivas de qualquer mudança estrutural. Segundo Wood (2003), conforme citado por Virgínio (2017, p. 41), as democracias ocidentais, fundamentadas nos mecanismos de representação institucional, cumprem a dupla função de legitimar a disputa desigual por recursos escassos e impedir que a participação e a voz dos de baixo resultem em participação ativa, mormente política, no espaço público, quando não nas esferas de decisão. Com isto, é imprescindível que haja um processo de reconhecimento dos indivíduos enquanto sujeitos políticos e que todas as ações estão ligadas a isso, não há como desvincular a política das mais variadas ações, até mesmo nas mais simples que praticamos cotidianamente.

Nas palavras de Rosa Luxemburgo, em Socialismo ou Barbárie (1974), a autora nos mostra que a exceção da política corresponde a instalação de um estado de barbárie, de violência explícita e generalizada de todos contra todos, já que que os conflitos humanos deixariam de ser resolvidos de modo dialógico/argumentativo para ser resolvido com a utilização exclusiva da violência.

Desta forma, toda ação desenvolvida em nossa vida coletiva, conseqüentemente terá um acúmulo e uma formação ou deformação no campo da política. E com as ocupações não seria diferente, por configurar-se enquanto uma ação direta com outras complexidades, a dinâmica de seu processo formativo é mais intenso. Esta forma de ação direta é praticada também por outros movimentos sociais, como por exemplo: MST (Movimento Sem terra) e MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem teto). É importante ressaltar que existem muitas diferenças em relação às ocupações estudantis, principalmente no que diz respeito à temporalidade da ação. As ocupações de território por parte destes mo-

Figura 1 – Estudantes reivindicam eleições para direção escolar



Fonte: <https://sepenovaiguacu.wordpress.com/2012/07/31/ato-de-profissionais-e-alunos-no-ierp-3007/>

Essa direção permaneceu no cargo até 2016, com algumas modificações em sua composição, porém a característica de ser uma gestão auto-

ritária e com pouco diálogo com a comunidade escolar perdurou.

Figura 2 – Estudantes formam a mensagem "SOS IERP" no pátio da escola.



Fonte: <https://sepenovaiguacu.wordpress.com/2012/07/31/ato-de-profissionais-e-alunos-no-ierp-3007/1>

vimentos tem o objetivo da tomada de poder permanente. No entanto, as ocupações estudiantis, como uma tomada de poder do espaço escolar, configura-se como um instrumento para chamar a atenção da sociedade, apontando as falhas do sistema e propondo mudanças, porém a primeiro momento, sem a intencionalidade de ser permanente.

#### 4. OCUPAÇÃO ESTUDANTIL: ORGANIZAÇÃO E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Ao acompanhar as ocupações estudiantis, verifica-se a existência de comissões de alimentação, segurança, relações externas, comunicação, limpeza e atividades, e o entendimento de que a cooperação de todos é imprescindível para o funcionamento daquela ação é de grande representação. Esta dinâmica de organização envolve o estudante de uma forma em que se sinta parte fundamental do seu processo de formação, mesmo que ainda não o tenha percebido. Mostra que com organização e um projeto político é possível avançar nas lutas em defesa de seus direitos e por uma sociedade mais justa e igualitária. Para além disso, mostra que “o ambiente escolar possui outras potencialidades, que este espaço pode ser de fato uma construção coletiva, não ficando apenas no papel na hora da construção do Projeto Político Pedagógico, na qual muitas escolas se colocam enquanto gestão democrática, mas poucas de

fato se propõem a colocar a ideia em prática, fecundar a prática social com a teoria pedagógica” (CALDART, 2004).

Ao fazer entrevistas com os estudantes ocupantes, um dos questionamentos era se eles percebiam as atividades que ocorreram na ocupação enquanto possuidoras de um caráter pedagógico e se elas, assim como todo o processo de ocupação, contribuíram para sua formação política e de que maneira, como se deu essa percepção:

- [...] o que a gente aprende na ocupação nenhuma sala de aula ensina. As atividades que rolaram e que participei foram ótimas, muito melhores pedagogicamente falando do que as que a própria escola organizava. (ESTUDANTE D)

- A gente tem essa visão da educação e da pedagogia, essa visão adestrada de que a educação é sentar, pegar um livro e ler, entende? É uma visão muito limitada da educação, muito restrita e eu não gosto, ela não me apetece, acho ela podre. E eu acho que ela devia sim mudar, só que é um sistema tão rígido e tão grande que tá fora do nosso alcance, entende? É um sistema que já perpassou muita coisa, que a gente chega adestrado na escola desde pequeno, quando a gente chega na faculdade já tá adestrado dessa forma e por mais que a gente estude, que é uma

**ESTA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO ENVOLVE O ESTUDANTE DE UMA FORMA EM QUE SE SINTA PARTE FUNDAMENTAL DO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO, MESMO QUE AINDA NÃO O TENHA PERCEBIDO. MOSTRA QUE COM ORGANIZAÇÃO E UM PROJETO POLÍTICO É POSSÍVEL AVANÇAR NAS LUTAS EM DEFESA DE SEUS DIREITOS E POR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E IGUALITÁRIA.**

coisa muito curiosa, que a gente estude pedagogia da libertação e todas essas outras coisas, a gente continua preso. E isso ficou muito claro pra mim na ocupação. (ESTUDANTE C)

Esta dinâmica contribui para a compreensão de que a formação não acontece somente dentro da sala de aula, contribui para a percepção da dimensão do que é literalmente ocupar seu espaço de formação, ser o sujeito ativo deste processo. Estas percepções devem ser reconhecidas por toda comunidade escolar, pois todos



fazem parte deste processo, cada qual em suas atribuições. No livro “Pedagogia do Movimento Sem Terra”, Caldart (2004) nos diz que:

Leva-nos, como educadores, a estarmos atentos ao movimento da realidade, à práxis, à experiência vivida, às ações e aos gestos. Mostra-nos a centralidade da ação e da vivência humana, nos processos culturais e educativos. É um exercício de pesquisa e teorização que indica como é possível a fecundação entre a prática social e a teoria pedagógica. Como é urgente colocar os processos educativos, as teorias da formação humana em outros patamares, bem mais eloquentes do que a tão trilhada e estreita vinculação entre escola e mercado (Caldart, 2004, p. 11).

Ao acompanhar o IERP durante o período pós-ocupação e através das entrevistas aos estudantes ocupantes, é perceptível como esta experiência modificou as relações existentes dentro do ambiente escolar (em que o estudante acaba sendo o ponto de encontro dessas relações), seja com os professores, direção, demais funcionários e até mesmo com os responsáveis, configurando-se uma mudança na relação dos estudantes com os demais componentes da comunidade escolar.

- [...] eu tenho até dificuldade de lembrar quem eu era antes da ocupação, porque a ocupação foi de verdade um divisor de águas na vida de todo mundo que participou dela. E não só quem participou, quem militou lá de fato, quem ocupou, mas também quem viveu a escola antes e depois, sabe? Quem os pais não deixaram ir, por exemplo, pra ocupação. Mas que viu como era a escola antes e viu como era a escola depois, eu acho que todo mundo ficou bem impactado com o que foi esse processo. (ESTUDANTE A)

- [...] depois da ocupação mudou bastante o cotidiano da escola, muito. As-

sim, no período que não teve as eleições, a direção saiu e tava a professora X como interina, a escola, ela... a gente ficou num tempo de liberdade, digamos assim. A gente teve voz, voz ativa, não era uma voz hipotética e muito menos uma voz “você pode argumentar e talvez eu escute”. Não, a gente era voz ativa, a gente era ouvido, a gente podia opinar, entende? E a nossa opinião valia tanto quanto. (ESTUDANTE C)

No livro *Escolas Ocupadas*, organizado por Cattani (2017), é possível ter contato com entrevistas de estudantes ocupantes, que de maneira geral por participarem desta experiência, fez-se possível a abertura para diversos debates, como a própria construção das atividades durante o período de ocupação, que trouxe o questionamento acerca do currículo escolar, a organização das comissões e tarefas, que exigiu muita disciplina e responsabilidade dos estudantes, o conhecimento da própria estrutura escolar, seja ela física ou institucional, além do reconhecimento do fazer-político cotidiano, do reconhecimento enquanto sujeitos ativos no processo de transformação da realidade.

Ao observar o período pós-ocupação no IERP em visitas e através de entrevistas aos estudantes ocupantes, nota-se, que esse período tem grande importância na percepção dos alunos como parte fundamental dentro do funcionamento da escola e como sujeitos que podem intervir naquela realidade tendo sua autonomia respeitada, tanto no sentido de participarem e construir o processo eleitoral para direção, quanto pela reorganização de grêmios numa perspectiva de não ser mais um aparato da direção, mas sim uma construção coletiva e eleita pelos alunos. E para além disso, a possibilidade de organização estudantil em seus mais diversos aspectos, como exemplo o surgimento de coletivos e espaços de formação construídos pelos estudantes:

- Após a ocupação, foi criado o primei-

ro coletivo feminista de uma escola estadual na baixada, foi realmente um marco que não teria acontecido sem a ocupação. (ESTUDANTE D)

O Coletivo Feminista Filhas da Luta foi formado depois da ocupação, foi fruto da ocupação, na verdade. Acho que num dia da ocupação a gente tava conversando sobre isso e a gente pensou “ah, vamos montar um coletivo? Vamos montar um coletivo!”. E no início eram só conversas, porque foi como eu disse, durante a ocupação o nosso senso crítico tava no 220 e a gente começou a se questionar, a questionar muita coisa, entende? Resistência e luta e militância, essas coisas. E por ter tido essa liberdade, a gente conseguiu sim formar e ser levado a sério enquanto coletivo. Enquanto coletivo que tem algo a dizer, que tem algo a mostrar, algo a passar, entende? Isso eu achei muito bonito, isso eu achei uma das conquistas da ocupação que foi linda. Essa foi uma conquista política sim da ocupação. O fato da gente ter voz ativa também foi uma conquista, o grêmio foi uma conquista. Os eventos que a gente organizou da consciência negra, nós fomos os organizadores, nós fizemos tudo. Não ficou nas mãos dos professores e da direção. (ESTUDANTE C)

Desta forma, observa-se um processo de transformação das relações escolares, reconhecendo a importância de cada grupo da comunidade escolar para a execução de uma construção educacional, de fato, coletiva. Enquanto movimento dialético, as ocupações estudantis também encontram-se ao mesmo tempo como o produto (reação às falhas do sistema) e o agente dessa formação, esta que perdura por toda construção política e social do sujeito.

#### Referências Bibliográficas

**INSTITUTO ESTADUAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL.** Patrimônio Cultural Bens Tombados: Instituto de Educação Rangel Pestana. Disponível em: [http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens\\_tombados/detalhar/165](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/165) Acesso em 30 de junho 2017.

**VIRGÍNIO, A. S.** Educação, juventude e participação democrática: o que se aprende nas escolas ocupadas. *Escolas Ocupadas*. Org. CATTANI, Antonio David. Porto Alegre, CirKula, 2017.

**LUXEMBURGO, R.** A crise da social democracia. Socialismo ou Barbárie. Ed. Presença/ Martins Fontes, 1974.

**CALDART, R.** Pedagogia do Movimento Sem terra. 3ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2004.